



TESTANDO O WHATSAPP COMO FERRAMENTA DE COLETA EM PESQUISA A/R/TOGRÁFICA

TESTING WHATSAPP AS AN INSTRUMENT OF COLLECTION IN A/R/TOGRAPHIC RESEARCH

Alex Medrado

Universidade de Brasília, Brasil
allexmeteora@hotmail.com

Resumo

O presente texto faz parte de um breve experimento realizado para pesquisa de doutorado em andamento intitulada *O olhar educado nos (des)caminhos da cultura visual: o percurso das imagens das ruas para o Instagram*, que tem como objetivo inventar um conceito de olhar educado para as mídias digitais no âmbito da cultura visual, como epistemologia e partindo das seguintes indagações/problemas: de que maneira e o que faz com que os sujeitos “levem” as visualidades artísticas urbanas para os espaços digitais? Esse empreendimento é resultado de discussões sobre metodologias de pesquisa baseadas em artes e utilizou o aplicativo de celular WhatsApp para coleta de informações, no âmbito de uma metodologia a/r/tográfica. O objetivo do texto é tensionar as ideias e conceitos da a/r/tografia como sintoma de uma sociedade hipermoderna e as percepções do uso do WhatsApp enquanto ferramenta metodológica. Em *Os tempos hipermodernos*, escrito em colaboração com o professor de filosofia Sébastien Charles, Lipovetsky articula seu pensamento sobre alguns sintomas tais como processos de moda, individualismo paradoxal, as metamorfoses da ética, mutações da sociedade do consumo e dentre outros. A dinâmica do WhatsApp é intensa, dispersiva, fragmentada, instantânea e fluída, além de outras características que fazem com que a aderência do sujeito se desqualifique. Há, então, uma percepção de como essa ferramenta tem nuances potencializam uma a/r/tografia.

Palavras-chave: A/r/tografia; WhatsApp; cultura visual; hipermoderno; olhar educado

Abstract

This text is part of a brief experiment for doctoral research in progress now entitled “The look educated in the (mis) direction of visual culture: the route of the images from the streets to the Instagram,” which aims to invent a concept of educated look at digital media within the scope of visual culture as epistemology and starting from the following questions / problems: in what way and what causes subjects to take urban artistic visuals into digital spaces? This investment, here exposed, is a result of discussions about art-based research methodologies and the use of WhatsApp mobile application for information collection, under an a/r/tographic methodology. The purpose of the text is to stress the ideas and concepts of a / r / tography as a symptom of a hypermodern society and the perceptions of using WhatsApp as a methodological tool. In the text “The Hypermodern Times” - written in collaboration with philosophy professor Sébastien Charles - Lipovetsky articulates his thinking about some symptoms, such as fashion processes, paradoxical individualism, metamorphoses of ethics, mutations of the consumption society and others. The dynamics of WhatsApp are intense, dispersive, fragmented, instantaneous and fluid, as well as other characteristics that cause the subject’s adherence to be disqualified. There is then a perception of how this tool has nuances that look or potentiate an a/r/tography.

Keywords: A/r/tography; WhatsApp; visual culture; hypermodern; educated look.

Introdução

Antes de incorrer especificamente na problemática do texto é pertinente localizar um lugar de fala atravessado por um momento oportuno e sorrateiro tal qual infiro a partir das discussões propostas por Gilles Lipovetsky sobre o sujeito hipercontemporâneo e a segunda fase da modernidade, ou hipermodernidade.

Em *Os tempos hipermodernos*, escrito em colaboração com o professor de filosofia Sébastien Charles, Lipovetsky articula seu pensamento sobre alguns sintomas, tais como processos de moda, individualismo paradoxal, as metamorfoses da ética, mutações da sociedade do consumo, dentre outros. Comunicação e consumo juntos geraram a “segunda revolução individualista”, marcada pela falência dos grandes sistemas ideológicos, pela cultura do corpo, pela rearticulação do hedonismo e pelo culto à autonomia subjetiva. Paradoxalmente, o império do consumo e da comunicação gerou um indivíduo desinstitucionalizado e opcional, disposto a ter o direito de dirigir a si mesmo, sem permitir a chamada “manipulação”.

Para os autores, a pós-modernidade é representada pelo espriamento da moda no tecido social, o que amplia a autonomia subjetiva, a multiplicação das diferenças individuais, o esvaziamento dos princípios sociais reguladores e a dissolução de unidade de opiniões e de modos de vida (LIPOVETSKY & CHARLES, 2004). A hipermodernidade, neste sentido, caracteriza-se pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade, com seus hipernarcisos que ao mesmo tempo são “mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos” (ibidem, p. 27).

Discutir o sujeito paradoxal - tão livre quanto preso - equivale a discutir também a posição desse sujeito numa pesquisa acadêmica. A reflexão inicialmente proposta sobre a hipermodernidade é uma metáfora que traço para estabelecer vínculos com os processos metodológicos que envolvem pesquisa/investigações baseadas em artes. Palavras e expressões como fluidez, moda, reciclagem, rompimento com grandes discursos ideológicos e relações paradoxais do sujeito na sociedade são alguns aportes que servem de ponte/diálogo entre a a/r/ tografia, a cultura visual e esse momento hipermoderno.

Há uma relação paradoxal e assertiva ao mesmo tempo entre o método artográfico e o sujeito-pesquisador, hipermoderno, imiscuído em suas atividades e escolhas para entender um fenômeno de pesquisa, com base na autoetnografia, em que o artista procura em todos os lugares transmitir sua história, por exemplo, , de modo a compreender o mundo e reformulá-lo a partir de sua experiência estética, ou sua disposição vital (JAGODZINSKI;WALLIN, 2013, 87).

Sobre os conceitos que são “flexíveis e intersubjetivos”, Rita Irwin (2013) examina a diversidade dos *renderings* pontuando espaços na pesquisa que esboçam relações próximas entre identidades, artes, grafias, lugares com possibilidades de rupturas, de processos, de incisões,

reverberações, excessos etc. No campo da pesquisa em arte, na pesquisa em e por imagens, na pesquisa de culturas, na pesquisa que envolve as relações e ações sociais e nas várias outras pesquisas, as inconstâncias, as irregularidades, os acasos, as incertezas, os desconfortos e, principalmente, as perguntas não respondidas são sempre o limiar, o *intermezzo* que pode ampliar a percepção do conhecimento.

É possível vislumbrar também a ampliação dos saberes e dos olhares, e de outras formas possíveis para a aprendizagem no campo das imagens. E é nesse contexto sobre flexibilidade e ambiente caótico e paradoxal que envolvo e contextualizo o uso de uma ferramenta de comunicação digital, como um método a/r/tográfico, tensionando essa própria metodologia, para se obter informações, esperando que essa possa gerar outras questões também.

O aplicativo WhatsApp¹, geralmente utilizado em dispositivos móveis, é uma alternativa ao sistema ou serviço de mensagens curtas com recursos de envio e recebimento de vários tipos de arquivos de mídia com o fim, a priori, de oferecer uma multiplicidade e potencialidade à comunicação dos usuários. Foi utilizado aqui por um grupo de pessoas de diversas áreas e atividades com o intuito de discutir o conceito de *olhar educado*; através da produção e apropriação de imagens na rede social digital Instagram, a proposta foi criar uma imagem a partir deste conceito, refletindo sobre a opinião do grupo acerca da ferramenta do WhatsApp para coleta de informações em uma pesquisa.

A/r/tografia e suas múltiplas possibilidades em/para arte

A a/r/tografia como forma de investigação baseada em artes une ou convida sujeitos com *ethos* distintos e complementares para vislumbrarem um outro espaço da pesquisa, em que se misturam posturas identitárias com entendimentos e aprendizagens a partir de questões éticas, estéticas, lógicas, intersubjetivas dos campos, dos saberes aos científicos.

Para Irwin, “a a/r/tografia é uma pesquisa viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (2013, p. 18), trazendo ainda para a concepção de uma investigação e para o sujeito um constante vir a ser, que transforma os problemas de pesquisa como “esforço de melhorar a prática, compreender a prática de uma perspectiva diferente, e/ou usar suas práticas para influenciar as experiências dos outros” (ibidem, p. 29). Há ainda muitas nuances no que tange a essa diferente metodologia no campo acadêmico. Proponho a reflexão, a exemplo disso, acerca da assertiva de Charréu sobre como é inaceitável academicamente as obras artísticas serem e atuarem como dados e o próprio processo de investigação:

Uma ruptura epistemológica e paradigmática se impõe e assenta no fato de a a/r/tografia procurar ultrapassar o conceito de “verificação” e “organização”

¹ Mais informações podem ser acessadas em: <https://www.whatsapp.com/>



da informação simbólica que é tradicionalmente expressa pelos dados da investigação. Mas os que, crescentemente, estão a adotar essa metodologia preferem sublinhar que as práticas de artistas e educadores, eminentemente experimentais, são ocasiões para se criar novo conhecimento e que este não pode estar apenas encerrado na perspectiva tautológica de experimentação para verificação. (CHARRÉU, 2013, p. 108)

Pensando no hipermoderno, o sujeito pesquisador em a/r/tografia e a própria movimentação da metodologia podem ser, a meu ver, um reflexo da hipermodernidade, mediante, claro, as relações de consumo, a moda e a paradoxal autonomia do ser.

A capacidade diversa, transdisciplinar, agregadora, vivencial, performática, com riqueza de formas de ser e de olhar da a/r/tografia está situada na transição lipovetskyana em que “a lógica do consumo-moda favoreceu o surgimento de um indivíduo mais senhor e dono da própria vida, sujeito fundamentalmente instável, sem vínculos profundos, de gostos e de personalidade oscilantes” (LIPOVETSKY & CHARLES, 2004, p. 41).

O pesquisador-objeto, o professor-aluno-didática, o artista-artefato integram uma relação dual como a arte e vida, ciência, do conhecimento e da verdade, coisas que se misturam e constituem uma complexa forma que vem à tona a cada instante no movimento do mundo, dos fenômenos, das experiências e a nossa vontade de entendê-los. É claro que o texto de Lipovetsky, em certo instante, tem o tomo das discussões específicas do consumo, e até da mídia, para tratar da sociedade e do indivíduo que têm por características a presença de um vazio e um superficialismo existencial, sendo o tempo cada vez mais vivido como preocupação maior. A hipermodernidade tem a autorreflexividade, a crescente conscientização dos indivíduos que é paradoxalmente acentuada pela ação da mídia.

O hiperindividualismo rompe, dessa forma, com antigas formas de regulação social de comportamentos (ibidem, p. 56). A era hipermoderna funda a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e a imoderação, o sujeito responsável ao mesmo tempo irresponsável. Os autores afirmam ainda que estamos no tempo do desencanto com a própria pós-modernidade, da desmitificação da vida presente, confrontada que está com a escalada da insegurança. O alívio é substituído pelo fardo, o hedonismo recua ante aos temores, as sujeições do presente se mostram mais fortes que a abertura de possibilidades acarretada pela individualização da sociedade. De um lado a sociedade-moda não para de instigar aos gozos já reduzidos do consumo, do lazer e do bem-estar. Do outro, a vida fica menos frívola, mais estressante, mais apreensiva.

Mas como podemos alinhar a a/r/tografia com o contexto subjacente da hipermodernidade? Ora, na própria literatura que versa sobre esta metodologia, consta que ela foi originada nos anos de 1980 por Elliot Eisner, sob influência dos discursos da fenomenologia, do estruturalismo e pós-estruturalismo; já no fim da década de 1990 e início da de 2000, reuniram-se vários trabalhos acadêmicos no âmbito do que seria a/r/tografia na British Columbia University e a



partir daí ela ganhou, como metodologia, mais corpo conceitual. As discussões da pós-modernidade e da hipermodernidade são análises e reflexões que podem ser consideradas na esteira da a/r/tografia, o que nos leva a uma junção de tensões e dos modos de subjetivação.

Não sem riscos, devo afirmar que o a/r/tógrafo é esse sujeito hipermoderno, hipernarciso, que propõe sua própria metodologia unindo suas problemáticas de vida, com as cadeias disciplinares das investigações tradicionais, pois já não se importa com os grandes discursos ideológicos da academia e da ciência. Faz uma pesquisa viva, porque está atento à vida ao longo do tempo, “relacionando o que pode não parecer estar relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas [...] e também reconhece que as percepções devam ser exploradas” (IRWIN, 2013, p. 29).

Nessa tensão paradoxal do consumo, do prazer e do sonho do bem-estar social, a crescente preocupação dos indivíduos em descobrir maneiras de responder, de esticar as fronteiras do conhecimento - pois só nos muros da ciência já não é mais possível, a lógica do hiperconsumo, pensando em diversidade, dentro das pesquisas sociais - faz emergir as pesquisas/investigações baseadas em artes, que são alternativas no cardápio, nas vitrines da academia, uma inovação.

A a/r/tografia, sob este enfoque, baseia-se em muitas lentes teóricas, incluindo a filosofia, as teorias feministas e a crítica de arte contemporânea, com enfoque no entrelugar dos significados, na utilização simultânea de linguagem, imagens, materiais, situações, espaço e tempo (IRWIN & SPRINGGAY *apud* SINNER et al. 2013, p. 107). Contudo, embora privilegie um lugar de multiplicidade e esteja preocupada em dar um outro tom às pesquisas acadêmicas, garantido um outro status para a arte, a a/r/tografia também é paradoxal, no momento em que o sujeito artista-pesquisador-professor arrisca-se a falar de si, para si e consigo.

Por outro lado, Jagodzinski e Wallin (2013) fazem uma crítica bem pontuada sobre como a A/r/tografia pode parecer um significante vazio, que concentra suas ações em territorializar “o mundo” a partir de si. Para os autores, a própria a/r/tografia depende de outras epistemologias e de ontologias já existentes; neste sentido, eles propõem que a pesquisa baseada em artes seja como um evento da imanência, trazendo para a discussão as problematizações deleuzianas sobre a arte, como um processo de ver e pensar através de práticas artísticas, de forma a resistir as normatizações. Questionam, ainda, o papel do a/r/tógrafo por ele se localizar no centro das atenções, numa perspectiva (ego)centrada que resvala ainda nas questões antropocêntricas que subjugam o outro. O olhar do personagem desse tipo de pesquisa se trai, afinal, com seus métodos autobiográficos, com narrativas pessoais, autoetnografias explicando e reduzindo os problemas nessa perspectiva de si.

Nossos argumentos se preocuparão com a prática das artes, no entanto, não como pesquisa ortodoxa, se a pesquisa for continuamente envolvida em formas de epistemologia, que é o que algumas direções da pesquisa baseada em artes tentam fazer atualmente para garantir a legitimidade da universidade. Em vez



disso, é uma ética como uma ontologia para gerar uma “crença no mundo”, como Deleuze (1989, 166) diria. “[Para] dizer que a” verdade é criada “implica que a produção da verdade envolve uma série de operações que equivalem a trabalhar em um material - estritamente falando, uma série de falsificações”. (DELEUZE apud JAGODZINSKI & WALLIN, 2013, p. 2)

Há, ainda, no entender dos autores, uma forte crítica ao sujeito com identidade-esquizo que acompanha perfeitamente a maré de forças do mercado e que, na figura do artôgrafo, tem seu desejo consumado pela economia de mercado tanto quanto pelas novas exigências político-econômicas da academia. Ou seja, há uma correlação entre o que Lipovetski infere desse sujeito hipermoderno e a minha postura de pesquisador, propriamente, quando objetivo, em minha pesquisa, o uso do WhatsApp ao meu bel-prazer como ferramenta que me auxilie a desenvolver uma explicação conceitual.

O caos no criar da pesquisa

Acolho o pressuposto de que a produção do conhecimento é, sim, uma obra de criação e experiência estética (DEWEY, 2010). Uma vez que o pesquisador estabelece uma relação muito íntima com o pesquisado, e, é claro, há muitos acontecimentos que ocorrem entre um e outro, fica neste desvão, sem respostas objetivas e definitivas. A criação está no inusitado e mora nas incertezas dinâmicas que circundam todas as áreas, não só o ambiente das artes, está apoiada na póiesis. No caso das pesquisas baseadas em artes, os pesquisadores estão imersos em uma viagem de descobertas, assim acredita Sinner (2013), que ressalta também não haver distinção simples entre o pesquisador e a pesquisa, mas

[...] uma relação orgânica e animada em que o pesquisador e a pesquisa fazem parte de uma dança complexa que está sempre evoluindo. Em outras palavras, Peba é um processo criativo que é provisório e frequentemente carregado de tensão, mas, muitas vezes, transformador e cheio de tração. (SINNER et al., 2013, p. 108)

O pesquisador produz conhecimento e, por meio do pensamento, cria sensações, conceitos e funções, mas está longe das verdades, pois, “pensamento é criação, não é vontade de verdade” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 73). Por isso, uma obra em si, desde a arte à pesquisa, deve gerar incertezas, dúvidas. Deixar lacunas para o pensamento fluir. Há marcas incertas, imprevisíveis e diferentes das leis deterministas que perpassam o conhecimento ocidental e moderno hegemônico.

Não se pode objetar que a criação se diz antes do sensível e das artes, já que a arte faz existir entidades espirituais, e já que os conceitos filosóficos são também sensíveis. Para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no



sentido estrito. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados, ou antes, criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam (ibidem, 1992, p. 13).

Os autores sugerem uma relação do pensamento com o caos, segundo a qual, há três dimensões do pensamento que se diferem pela natureza do seu plano e do que ocupa. São as dimensões da arte, da ciência e da filosofia. Pensar então é pensar por funções (ciência), pensar por conceitos (filosofia) e por sensações (arte).

A criação é, assim, aquilo que se absorve, do virtual, daquilo que está em potência, no caos. “Criar é algo que conecta, liga algo a algo, descrevendo um movimento que sai do invisível, do indizível e vai traçando diagramas, visibilidades e enunciados” (ZORDAN, 2010, p. 5).

O ato de pensar e conceber um conhecimento que se conecta a outros conhecimentos - como é neste texto parte do acaso, da imprevisibilidade e da instabilidade - abre-se para possibilidades de uma ampliação do mundo, para novas dúvidas, liberdade e criatividade, que têm lugar no mundo determinista. É, sobretudo, um ato de experimentação. Experimentar possibilidades é “sempre o que se está fazendo - o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela. O que se está fazendo não é o que acaba, mas menos ainda o que começa” (DELEUZE & GUATTARI, op. cit., p. 143).

A criação, tanto na arte, na ciência e na filosofia, está em um caminho estreito entre o mundo determinista e o mundo arbitrário, está entre o objetivo e o subjetivo (PRIGOGINE, 1996). Ficar entre um e outro é o mesmo que identificar os mistérios da imprevisibilidade do devir e do ser. A pesquisa pode ser pensada então sobre a criatividade na potência do caos. Ela pode e deve buscar tão menos os hábitos educados e hegemônicos. Não renegá-los, mas criar através dos limites impostos, das regras em si, das verdades. Ou seja, entre o pesquisador e o pesquisado, acredito, deve sempre haver uma faixa de experimentação, um reconhecimento da imprevisibilidade, inconstâncias, dúvidas. É necessário que haja caos na criação da pesquisa. Vale enfatizar que para Prigogine nem todo caos está isento de ordem e leis.

Estratégia digital desesperada e *fast food*

A partir das breves discussões sobre esta perspectiva hipermoderna, do sujeito paradoxal e das possíveis frestas paradoxais da a/r/tografia, além dessa visada da criatividade e das possibilidades do caos na criação, entendo a pesquisa a/r/tográfica como um lugar “ideal” de uma investigação que privilegia uma multiplicidade e rachaduras epistemológicas e nesse sentido realizei uma breve pesquisa utilizando o aplicativo WhatsApp para promover e entender algumas tensões.

A primeira tensão é saber se é possível utilizar tal ferramenta com um escopo de método e ferramenta que facilite troca de conhecimento e de criação poética. A segunda tensão é se possível haver uma organização desse espaço digital que possibilite acontecer uma a/r/tografia. Essas tensões, ou inquietações, são extremamente necessárias no processo investigativo, tanto nas escolhas metodológicas quanto na práxis da pesquisa em si, elas movimentam e cortam o caos, abrindo um leque de escolhas, que perpassam o nível da criatividade, neste caso da forma de pensar por sensações, a arte.

Uma breve reflexão sobre a eloquência das trocas de informações em espaço de comunicação diluídos em aparelhos móveis, reduzidos a uma linguagem binária e matemática, é bem válida. Em “Metodologias visuais: com imagens e sobre imagens”, Raimundo Martins (2013, p. 84) inicia uma discussão sobre o paradoxo da condição histórica que estamos vivendo, pontuando, de um lado, a globalização de processos conformistas de consumo, os estilos de vida e a diversidade de modos de comunicação; e, de outro, a fragmentação desses processos com impactos de diferenças culturais regionais, locais e institucionais.

Para o autor, esses conflitos que vão se criando agravam-se no ciberespaço e são mediados por fluxos digitais de informação e imagens. Afora isso, os avanços tecnológicos geram uma má distribuição do ciberespaço no que tange às questões de acesso e participação, o que influencia diretamente na interação, na disponibilidade, na interconexão e em outras características que a rede potencializa. Há, ainda, um outro problema:

A tecnologia digital congela a noção de tempo ao mesmo tempo que desloca os sujeitos, permitindo relações interpessoais que plasmam subjetivamente uma percepção virtual de hipermodernidade. As redes sociais também funcionam como uma espécie de extensão protética das funções do corpo, empoderando indivíduos com a sensação de ampliação de suas capacidades sensoriais e de comunicação [...] essa tecnologia sinaliza um esgotamento da concepção/ relação espaço-tempo construída por séculos de tradição humanista. (MARTINS, 2013, p. 84)

Há então uma revolução do cotidiano que impacta os modos de vida, surgindo aí uma consagração do presente, o que, nos termos de Gilles Lipovetsky, equivale a dizer que a mitologia da ruptura radical cedeu espaço à cultura do mais rápido e do sempre mais: mais rentabilidade, mais desempenho, mais flexibilidade, mais inovação (2004, p. 57). Explicando o questionamento de Martins, Lipovetsky conjectura “se a sociedade neoliberal e informatizada não criou a manha do presente, não há dúvida de que ela contribui para a culminância disso ao interferir nas escalas de tempo, intensificando nossa vontade de libertar-nos das limitações espaço-tempo” (ibidem, p. 63).

Essa libertação do espaço-tempo é uma resposta-problema à tensão exposta aqui, pois o desejo eloquente e hipermoderno de realizar uma breve pesquisa para escrever agora esse texto me trouxe rapidamente, sem pestanejos, para o espaço digital, levando-me a indagar a



potencialidade do WhatsApp como uma ferramenta prática, rápida e com riqueza de oportunidades para troca de informações, além da possibilidade de seu viés também artístico.

Abri um grupo do aplicativo através do meu celular, deitado na cama com a cabeça ferverilhando, mas não demorou um minuto, e a pesquisa estava lançada. Aproveitei o ensejo para discutir questões metodológicas a fim de trazer o universo da minha pesquisa de doutorado, esta que resulta em discussões conceituais sobre o “olhar educado” e a produção imagética a rede social Instagram.

Foram quinze pessoas convidadas, com perfis diferentes — desde amigos das áreas de cinema, professores acadêmicos vinculados à cultura visual, artes e literatura, até amigos e alguns familiares sem formação superior. Foi apresentado o seguinte texto de abertura, conforme demonstrado na Figura 1:

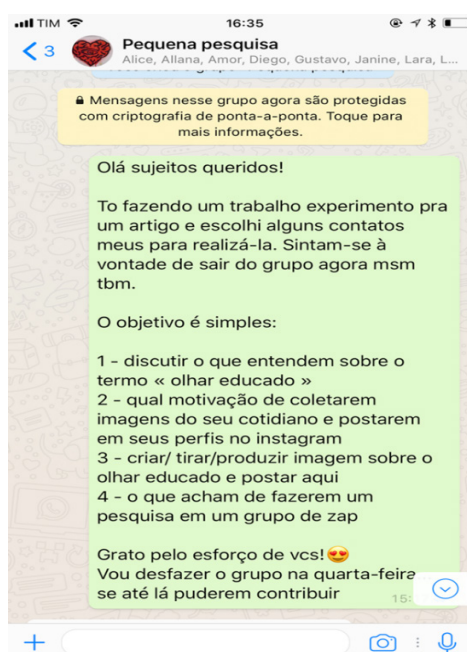


Figura 1: print da mensagem de início
Fonte: arquivo pessoal

Das catorze pessoas convidadas para responderem sobre as questões abordadas na Figura 1, duas saíram do grupo, seis responderam em seguida às minhas mensagens confirmando que logo participariam. Dessas, apenas a metade de fato participou. Acredito que, embora os participantes não se conhecessem, houve pouca participação; em determinados momentos, o grupo, mantido ativo por cinco dias, contou com a participação de três integrantes, além da minha, como mediador, para discussões em torno de questões outras.

Há aqui um aspecto do envolvimento que parece paradoxal, pois, ao mesmo tempo que se fala de um sujeito participativo, autônomo, produtor de coisas, sejam textos, sons, gifs, emoticons, há também um refreamento de interação, uma vez que o público também é especializado, participa somente do que gosta ou daquilo em que se sente envolvido no mesmo



instante. A dinâmica do WhatsApp é intensa, dispersiva, fragmentada, instantânea e fluída, além de outras características que fazem com que a aderência do sujeito se desqualifique.

Sobre a questão específica do WhatsApp como ferramenta, os sujeitos que participaram trouxeram em suas falas percepções unânimes de que:

O zap pode ser mais simples e fácil para quem vai responder, mas não curto a desorganização para quem vai coletar as informações pessoais.

O zap como ferramenta de pesquisa acho pouco produtivo já que o uso desse aplicativo é pautado pela velocidade, a pesquisa, para mim, requer um envolvimento mais demorado. Ainda para efeitos de pesquisa etnográfica acho a mediação do zap pouco dinâmica e dialética.

Não acho o whatsapp uma ferramenta muito prática para uma pesquisa. Este foi um bom exercício para perceber isso. A recuperação de informações é muito chata. Eu não usaria...Salvo alguma especificidade do que eu quisesse pesquisar...

Como proponente da “experimentação”, avalio que a recuperação de dados não foi uma grande problemática, até pelo pouco envolvimento dos participantes; entendo, todavia, que se, o grupo fosse maior, isso dificultaria a tabulação dos dados - especialmente considerando ter havido três interações realizadas diretas para mim, fora do espaço do grupo. Em grandes perspectivas, esse número que representa cerca de 21% poderia gerar ruídos. Em relação à produtividade, concordo, pois, diferente de uma pesquisa presencial, corpo-a-corpo, a estimulação e persuasão é maior.

Mas outros fatores também foram observados. No que se refere à produção e criação de imagens a partir do conceito de olhar educado, o espaço do WhatsApp pôde ser mais ágil e múltiplo, pois houve compartilhamento de links de vídeos, de vídeos, além da disponibilização no próprio grupo de imagens, como a ilustrada na Figura 2.



Figura 2: print da tela imagem de participante sobre o olhar educado
Fonte: arquivo pessoal

Da mesma maneira prática com que os recursos dos celulares possibilitam gravar vídeo, sons e tirar fotos de várias superfícies, houve o envio de uma foto por parte de uma colaboradora (Figura 3), na qual constavam anotações em um caderno sobre as questões levantadas no grupo digital da pesquisa. A participante relatou que preferiu escrever em um caderno as reflexões e, em seguida, tirou foto e postou no grupo.

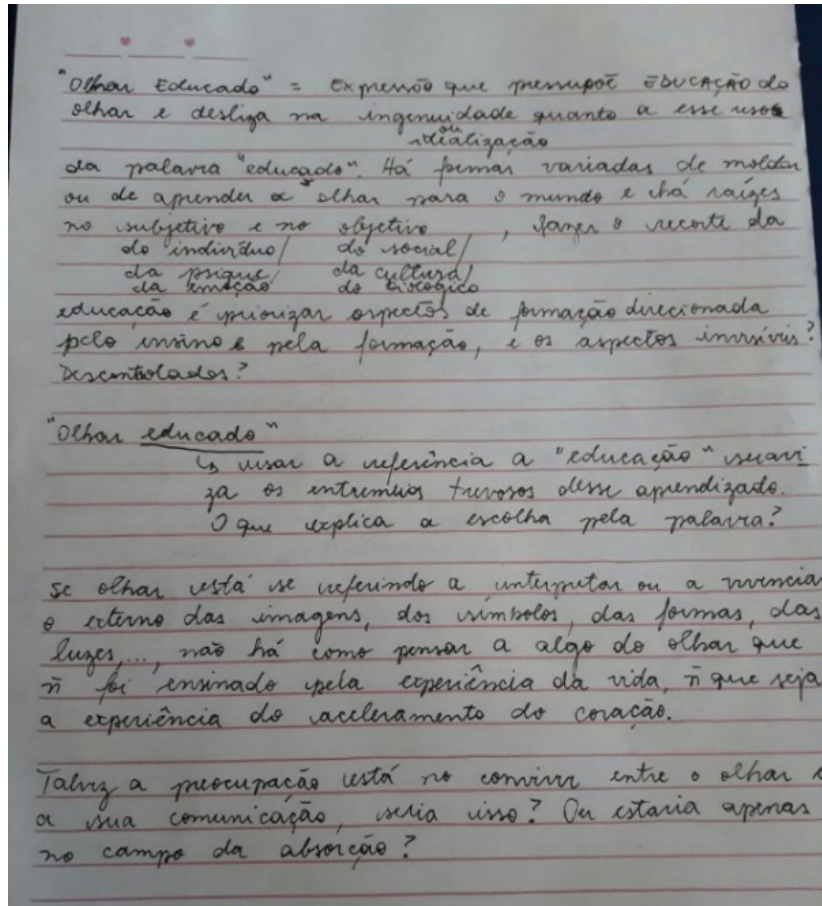


Figura 3: foto enviado ao grupo com as contribuições escritas em papel
 Fonte: arquivo pessoal

Considerações Finais

Quando Lipovetsky (2004, p. 56) afirma que o hiperindividualismo é a internalização de um *homo economicus* e a desestrutura de uma antiga forma de regulação social de comportamentos, junto a uma maré montante de patologias, doenças, distúrbios e excessos comportamentais, penso que ele pode estar se referindo também a esta figura do pesquisador a/r/tógrafo já incorporado na "economia" das pesquisas baseadas em artes.

A hipermodernidade produz, como vimos, um movimento bastante paradoxal, na medida em que produz ao mesmo tempo ordem e desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e imoderação. Daí podemos inferir a característica híbrida entre artistas, pesquisadores e professores, que dentro desse grande escopo, proposto pela a/r/tografia, podem

esvaziar grandes características e diferenças sociais, históricas e de poder que existem nesses processos e em suas identidades. Jagodzinski e Wallin (2013) afirmam que essa hibridização pode suavizar ou eliminar as diferenças, o que pode trazer uma homogeneização. Logo, a a/r/tografia pode ser um significante vazio porque aglutina toda essa multiplicidade.

Para os autores (ibidem, p. 103), é importante que o ecletismo de uma a/r/tografia continue sendo crucial para o futuro da pesquisa baseada em artes, mas, neste ponto, ela deve enfrentar as falhas do pós-modernismo para elaborar regimes sustentáveis de significar a produção. No meu entender, a utilização da ferramenta WhatsApp deve ser pensada como facilidade de coleta de dados em um mundo cada vez mais ágil, às vezes supérfluo e superficial, com grande profusão de informações que se diluem e se perdem em uma agilidade grande.

Ao realizar a pesquisa a através da desta ferramenta digital, cumpriu-se um desejo de testá-la com toda a liberdade que a metodologia da pesquisa a/r/tográfica poderia contemplar, com um discurso que me deixa livre entre as minhas narrativas como pesquisador, como educador e até como artista, pois a partir daí posso (co)criar vídeos e/ou imagens fotográficas. Não posso deixar de inferir que o experimento teve a ver com uma autorrealização, uma forma de provar e testar algo da minha pesquisa que, de repente, não tivesse nenhum respaldo acadêmico, mas contribuiu com a minha vontade.

Referências

- CHARRÉU, L. Métodos alternativos de pesquisa na universidade contemporânea: uma reflexão crítica sobre a/r/tografia e metodologias de investigação paralelas. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Processos e Práticas de pesquisa em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992.
- _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995
- IRWIN, R. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (Org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.
- JAGODZINSKI, J; WALLIN, J. **Arts-based research: a critique and a proposal**. Rotterdam: Ed. Sense Publishers, 2013.
- LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. (2004). **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla. (Original publicado em 2004).
- MARTINS, R. Metodologias visuais: com imagens e sobre imagens. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (Org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.
- PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: UNESP, 1996.



SINNER, A. et al. Analisando as práticas dos novos acadêmicos: teses que usam metodologias de pesquisas em educação baseadas em arte. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (Org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

ZORDAN, Paola. Criação na perspectiva da diferença. In: **Revista Laboratório de Artes Visuais - UFSM**, ano 3, n. 05, setembro de 2010. Santa Maria: UFSM, 2010. Disponível em <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/revislav/article/view/2135> Acesso em 15/07/2018.

Minicurrículo

Allex Medrado

Allex Medrado é cineasta do Coletivo Caliantra, com formação em Tecnologia em Produção Audiovisual. Mestre em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UnB) e doutorando em Artes na Universidade de Brasília (UnB). Docente do Instituto Federal de Brasília no curso técnico integrado em Produção de Áudio e Vídeo.

